

***Lugar da cultura política do aluno do
Ensino Médio
e sua relação com a aprendizagem
histórica***

***The high school student' s political culture place and its
relation with the historical learning***

Denilson Roberto Schena¹

RESUMO



Relata uma pesquisa desenvolvida junto a alunos de terceiras séries do Ensino Médio do Colégio Estadual do Paraná. As reflexões realizadas neste artigo são decorrentes das atividades do projeto de intervenção pedagógica na escola denominado "O lugar da cultura política do aluno do Ensino Médio e sua relação com a aprendizagem histórica". Este projeto teve sua origem ao contemplar uma das exigências do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), edição 2008, programa de formação continuada da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. A metodologia adotada fundamentou-se em pesquisa qualitativa, na forma de estudo de caso, tendo como técnicas a pesquisa documental e procedimentos de observação. Também foram utilizados inquéritos, entrevistas e questionários. O objetivo geral da pesquisa foi identificar o lugar da cultura política do aluno do Ensino Médio e sua relação com a aprendizagem histórica; os objetivos específicos foram identificar através do referencial teórico elementos que constituam alternativas metodológicas no ensino de História, tendo como referência as idéias dos jovens estudantes, valorizar a experiência social e política do aluno nas aulas de História e identificar o conceito de cultura política existente entre os jovens do Ensino Médio.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Professor de História do Instituto Federal do Paraná (IFPR) – campus Curitiba. E-mail: denilson.schena@ifpr.edu.br

Palavras-chave: Ensino de história. Educação histórica. Cultura política. Aprendizagem histórica. Ensino médio.

ABSTRACT



It relates a research developed with high school senior students from Colégio Estadual do Paraná. The reflections related in this article result from the activities of the pedagogical intervention project at school named "The High School student's political culture place and its relation with the historical learning". The project was originated to fulfill one of the exigencies of the Educational Development Program (PDE), 2008 edition, a continuous formation program of State of Paraná's Educational Secretary. The methodology was the qualitative research in form of a case study, using the documental research and the observation procedures as well as some queries and interviews. The general objective was to identify the political culture place of the high school students and its relation with the historical learning. The specific objective was to identify some elements which constitute methodological alternatives to the teaching of History through the theoretic referential using the students' thoughts as indication and to evaluate both social and political experiences in History classes to identify the concept of political culture to the secondary students.

Keywords: History teaching. Historical education. Political culture. Historical learning. High school.

Introdução

As reflexões desenvolvidas neste artigo são decorrentes das atividades do projeto de intervenção pedagógica na escola denominado "O lugar da cultura política do aluno do Ensino Médio e sua relação com a aprendizagem histórica". Este projeto teve sua origem ao contemplar uma das exigências do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), edição 2008, programa de formação continuada da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR). Inicialmente o projeto denominava-se "O lugar da prática social do aluno do Ensino Médio e a aprendizagem histórica", contudo ainda na sua fase de preliminar, após reflexão e análise juntamente com orientadora do projeto Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora Schmidt (UFPR) percebemos a necessidade de especificar melhor o que pretendíamos dizer com "prática social" considerando a abrangência desse conceito e as diferentes compreensões e usos que se faz do termo. Este artigo se propõe a apresentar o projeto em suas diferentes etapas: origem, desenvolvimento e resultados obtidos.

Considerando nossa prática pedagógica no ensino de História desenvolvida ao longo de doze anos de trabalho (2008), temos observado em que medida professores do Ensino Médio têm valorizado e se utilizado da prática social dos alunos como estratégia para promover a aprendizagem do conhecimento histórico. Mesmo com o aperfeiçoamento na área da metodologia do ensino de História nos últimos anos, os professores de História têm vivido certo

conflito, pois, ainda assim, esse avanço não tem garantido efetivamente uma aprendizagem significativa do conhecimento histórico pelos alunos. Assim, justificamos a necessidade da realização desta pesquisa.

A metodologia adotada no desenvolvimento desse estudo consistiu em pesquisa qualitativa, na forma de estudo de caso, tendo como técnicas a pesquisa documental e procedimentos de observação. Para a construção desse trabalho elaboramos um instrumento de investigação. O objetivo geral da pesquisa foi identificar o lugar da cultura política do aluno do Ensino Médio e sua relação com a aprendizagem histórica; os objetivos específicos foram identificar através do referencial teórico elementos que constituam alternativas metodológicas no ensino de História, tendo como referência as idéias dos jovens estudantes, valorizar a experiência social e política do aluno do Ensino Médio nas aulas de História e identificar o conceito de cultura política existente entre os jovens do Ensino Médio.

De acordo com o artigo 22 da LDB 9394/96, a educação básica tem como uma de suas finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania. Nesse sentido, entendemos a necessidade de investigar a visão que os jovens estudantes do Ensino Médio possuem sobre cultura política e também identificar algumas análises feitas por pesquisadores sobre a participação da juventude no processo eleitoral. Nesse sentido apresentamos as algumas questões problematizadoras. Qual é o papel que a escola, ou o ensino de História, tem desempenhado na formação de uma determinada cultura política dos alunos? Qual é a função do conhecimento histórico para a prática social do aluno? Por que e para que o aluno deve aprender História? O ensino da História contribui de que alguma maneira para a orientação para a vida prática do aluno? (RÜSEN, 2001)

O projeto que ora apresentamos teve como eixo central o estudo de caso, do Colégio Estadual do Paraná (CEP), situado em Curitiba, capital do Estado do Paraná, onde lecionamos desde 1996, no qual identificamos determinadas práticas escolares que favorecem um debate em torno da "cultura política" dos alunos do Ensino Médio.

Antes de iniciarmos a discussão sobre a "cultura política" dos jovens estudantes do CEP apresentaremos a seguir um artigo publicado no jornal Gazeta do Povo onde alunos de outras escolas públicas e particulares de Curitiba também foram entrevistados. O artigo "Jovem da capital vota menos do que o do interior" publicado na Gazeta do Povo, 29 de setembro de 2008, os jornalistas Katia Brembatti e Fabio Silveira afirmam que apenas um em cada dez adolescentes de 16 anos tem título de eleitor em Curitiba.

A juventude de Curitiba não está preocupada com a política. Beneficiados pelo direito do voto facultativo, os adolescentes curitibanos não demonstraram interesse em contribuir no processo eleitoral. Apenas um em cada dez adolescentes de 16 anos se alistou na Justiça Eleitoral. Na faixa dos 17 anos, a participação é um pouco maior: um adolescente com título para cada quatro. A

participação da juventude no restante do estado é mais expressiva. Metade dos adolescentes paranaenses de 17 anos já tem cadastro eleitoral. Na faixa dos 16 anos, são três eleitores num grupo de dez. (BREMBATTI; SILVEIRA. 2008 p. 13)

Um jovem que havia completado 16 anos de idade em julho de 2008 comentou que decidiu que irá votar somente na eleição de 2010. Ele considerou que era muita responsabilidade na eleição de 2008. O estudante contou que muitos dos colegas do último ano do Ensino Médio estavam mais preocupados em se preparar para o vestibular e ainda não quiseram fazer o título de eleitor. Ele reconheceu que se manteve distante da disputa eleitoral em Curitiba, pois, não acompanhou os programas na tevê e que a campanha política não fez parte das conversas entre os colegas do colégio. Na visão dele o jovem não é estimulado a se envolver nos problemas públicos.

Uma aluna da segunda série do Ensino Médio que também participou da entrevista demonstrou que pertence ao grupo minoritário entre os jovens. Diferentemente de seu colega, ela fez questão de fazer o título de eleitor. Segundo seu depoimento ela contou que via todo mundo reclamando da política e resolveu fazer diferente, isto é, cumprir com a sua obrigação como eleitora para depois poder cobrar dos políticos que ela viesse a eleger. A jovem estudante acompanhou a propaganda eleitoral veiculada na tevê e, segundo ela, analisou as propostas dos candidatos. Os candidatos que fizeram propostas voltadas para a juventude receberam a atenção da estudante. Ela achou importante saber o que seria realizado nas áreas de esporte, lazer, cultura e educação.

A aluna teve ainda o interesse de perguntar aos colegas o motivo do não alistamento eleitoral. Segundo ela, uma parte dos colegas disse que já tinham muita coisa para se preocupar e que daqui mais alguns anos o voto para eles já seria obrigatório. Outros colegas falaram que não se interessavam por política ou estavam focados no vestibular. Na opinião dela falta a muitos jovens curitibanos o interesse pelos rumos da cidade e também mais informação. A visão dos jovens, segundo ela, é que política se limita a votar no dia da eleição. A jovem estudante foi incentivada pelos pais a fazer o título eleitoral.

O professor de Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Sergio Braga também participou da mesma reportagem da Gazeta do Povo e citou alguns fatores ligados ao desinteresse dos jovens curitibanos pela eleição. Segundo ele "a cidade não tem uma ala de esquerda bem desenvolvida. A esquerda não tem o monopólio da juventude, mas historicamente está associada à mobilização social". Ele destacou também que a percepção dos jovens de que houve uma boa gestão municipal pode ter tido influência, minimizando, assim os conflitos. O professor Sergio Braga acredita que já atingiu o pico de desinteresse dos jovens pela política. De acordo com ele, para o jovem a política pode fazer frente ao individualismo contemporâneo. Sergio Braga acredita também que a internet pode dar outro dinamismo à política, e dessa forma

integrar a juventude no processo.

Para Paulo Costa, também cientista político da UFPR, há uma evidente discrepância na procura pelo alistamento eleitoral do jovem em Curitiba em relação ao restante do estado do Paraná. É possível, segundo ele, que nas cidades menores os adolescentes recorrerem mais ao título de eleitor porque necessitam mais do poder público. As instâncias do poder municipal estão mais próximas. Em Curitiba, os jovens talvez não tenham as mesmas necessidades ou não vêm na política o campo para a solução dos seus problemas.

Na coluna "Em Resumo" da Gazeta do Povo denominada "Nada rebeldes e ainda sem causas" Mariane Savio (16), estudante da 2ª série do Ensino Médio apresenta o seguinte relato:

Na semana passada o meu professor de geografia chamou a minha atenção quando citou Luís Carlos Prestes. Eu soube, durante a aula, que em sua última entrevista na televisão, Prestes foi questionado sobre as razões que o levaram a apoiar Getúlio Vargas (sendo que ele poderia ter sido beneficiado caso agisse de outra maneira). A resposta do ex-secretário geral do Partido Comunista Brasileiro foi bela: ele afirmou que a causa pessoal dele era muito pequena perto do problema maior (ou seja, a situação do Brasil).

Passei a semana com essas palavras na minha cabeça e percebi que viveríamos em um país bem diferente (e pior) do que o que vivemos hoje se não fossem por pessoas que pensaram mais do que em si mesmas. Os exemplos são inúmeros: na década de 60 foram jovens altruístas que enfrentaram a ditadura; e nos anos 80 foram os estudantes corajosos que fizeram a diferença no movimento das Diretas Já!. (SAVIO, 2008, p. 15)

E está aí uma coisa que não se vê todo o dia no século 21: pessoas que pensam mais do que em si mesmas. A nova geração, totalmente acomodada, é prova disso. Alguns jovens até reclamam da situação do Brasil, mas dá para contar nos dedos aqueles que realmente se esforçam para modificá-la. É cômodo jogar a culpa dos problemas nos políticos e se omitir do papel de brigar pela melhora.

Aqueles que levam uma vida confortável parecem pensar que não existem motivos para protesto. Estão obviamente equivocados. Basta olhar um pouco além e ver que as causas estão aí, gritando e esperando que alguém tome alguma atitude. Mas todos permanecem em silêncio, tolerando (ou pior: aceitando) as coisas que estão erradas no país.

Tudo indica que só falta deixar de lado o individualismo e pensar coletivamente. Afinal, somos parte de um país e, como afirmou sabiamente o publicitário Nizan Guanaes, pensar em todos é a melhor maneira de pensar em si. Egoísmo nunca levou ninguém a nada e não é agora que a coisa vai mudar.

Por tudo isso eu digo: no próximo fim de semana, vote. Mas tenha em mente que o seu dever vai muito além de apertar alguns botões. O poder de mudar está em suas mãos [...], então use a sua juventude e força para fazer algo mais significativo do que passar horas em frente à tevê.”

O envolvimento dos estudantes do Colégio Estadual do Paraná na política virou notícia nos últimos meses por causa da cobrança para que a comunidade escolar tenha o direito de escolher o diretor da instituição e pela organização do debate entre os candidatos à prefeitura de Curitiba. Contudo, a direção do CEP não promoveu simplesmente nenhuma campanha para incentivar a inscrição eleitoral dos alunos acima dos 16 anos. A iniciativa de incentivar os jovens só ocorreu por parte da Justiça Eleitoral ao divulgar o projeto “Se liga 16” . Uma mobilização para atrair os jovens só teria algum resultado efetivo se houvesse uma campanha realizada pela Justiça Eleitoral antes do mês de maio, uma vez que é o prazo limite para o jovem requerer o título eleitoral.

Diferentemente de outros jovens, o estudante Vinicius Augusto Paludo (17) defende a participação e o envolvimento dos jovens no processo eleitoral. Semanas antes das eleições municipais, ele comenta que já tinha decidido em qual candidato iria votar. Procurou conhecer e analisar o histórico político e as propostas do candidato. Vinicius, integrante de movimento estudantil, entende que há pouco estímulo para a participação da juventude no campo da política.

O estudante Marcos Corrêa Taborda da Silva (17) é contrário ao voto dos jovens de 16 anos. Por esse motivo não fez o título de eleitor. Segundo ele, o direito de votar a partir dos 16 anos foi um erro porque a Justiça Eleitoral não desenvolveu um trabalho mais efetivo no sentido de preparar os jovens para participarem dos processos eleitorais.

Segundo a reportagem da Gazeta do Povo, o direito do voto facultativo a partir dos 16 anos completou duas décadas, juntamente com a Constituição Federal de 1988. O cientista político Paulo Costa faz uma análise interessante ao lembrar que os jovens da década de 80, recém-saídos de um período de ditadura militar, tinham uma percepção mais crítica da atual sobre o envolvimento político. Costa entende que o desinteresse do jovem pela política pode ter reflexos muito sérios num futuro próximo. Para o cientista político não há estímulo para o envolvimento com a política que muitas vezes aparece para o jovem como algo sujo e que não pode ser mudada.

Foram depoimentos como esses de jovens estudantes e professores que partimos das seguintes questões problematizadoras: Por que o aluno deve aprender história? Qual é a finalidade da aprendizagem histórica na vida prática do aluno? Qual é o sentido que os alunos empregam ao conhecimento histórico? O aluno do Ensino Médio possui cultura política? Qual é a cultura política dos jovens?

De acordo com Bresser-Pereira (2006), a partir do início dos anos 60 todo o mundo assistiu atônito à revolução estudantil que se processava. A participação ativa do estudante na área

política era uma característica dos países subdesenvolvidos. No Brasil, na Venezuela, na Indonésia, em países desse nível de desenvolvimento, segundo ele, podia ser considerada uma força política significativa.

Bresser-Pereira (2006, p. 37) afirma:

[...] os estudantes constituíam-se, enfim, em um grupo de pressão relativamente respeitável. No Brasil, por exemplo, antes de 1964, os estudantes, através de seus órgãos oficiais de representação, principalmente a UNE, estavam no centro do processo político brasileiro. Muito mais do que os operários ou camponeses, os estudantes organizavam-se para protestar contra a ordem estabelecida.

Segundo esse autor, não foi por acaso que o grupo mais severamente reprimido, depois do golpe militar de 1964, tenha sido o dos estudantes. Após esse breve histórico sobre o movimento estudantil no Brasil é necessário conhecermos outras análises sobre a cultura política em outros países da América Latina.

De acordo com Roche (2001, p. 29) desde a metade dos anos de 1980 alguns setores intelectuais e formadores de opinião começaram a utilizar o conceito de “cultura política” . Os interesses pelas questões político-culturais estiveram relacionados com o fenômeno da transição da democracia em vários anos de ditadura nos países da América do Sul e a reflexão que vários analistas fizeram em torno do apoio de diferentes segmentos sociais prestaram aos regimes autoritários. O interesse pelos aspectos relacionados com a cultura política se ligava ao reconhecimento da importância dos fatores culturais, na consolidação da recém restaurada democracia naqueles países.

Ao longo dos anos 80, do século passado, o interesse pela cultura política esteve relacionado à transição, a democracia e a reflexão sobre o papel das crenças e os valores na configuração da ordem política e social. Na década de 1990 se verificava um novo interesse pelos temas da cultura política em virtude de um conjunto de transformações culturais que a política experimentou naqueles anos. De um lado, ocorreu uma crise dos partidos e das ideologias político-partidárias que foi simplesmente uma expressão de um fenômeno maior, ou seja, a perda da centralidade da política na vida social.

Com as crises dos modelos homogêneos de cidadania (liberais, conservadores e esquerda) têm lugar uma progressiva descoberta de novas identidades sócio-culturais: de gênero, sexuais, juvenis, étnicas, meio-ambientais, etárias. Essas novas identidades não estavam dispostas a submeter-se a nenhum macro projeto da emancipação e reclamaram o reconhecimento de sua autonomia e especificidade grupal. A perda da centralidade da política na experiência social contemporânea tem lugar com a revalorização da vida cotidiana e da subjetividade, associadas às políticas da identidade, as quais unem certa “cotidianização da política” .

No Brasil, por exemplo, Sanfelice (1986) realizou um estudo com o objetivo de investigar o envolvimento da União Nacional dos Estudantes, historicamente a entidade máxima da organização política dos universitários brasileiros, nas principais questões educacionais e da vida nacional que se apresentaram, no Brasil, ao longo da década de 60. A UNE assumiu, em outros tempos, diferentes posições face aos momentos conjunturais da história do Brasil e teve relevante papel de liderança no movimento estudantil.

Segundo Sanfelice a historiografia brasileira aprofundou-se na década de 80 na pesquisa e análise das organizações e tendências políticas que se fizeram presentes no movimento estudantil da década de 60, ou seja, da própria UNE. Esse autor procurou desenvolver em seu estudo o papel desempenhado pela UNE, uma vez que ela conseguiu se manter, apesar das divergências internas e cada vez mais graves.

Sanfelice visou em seu estudo compreender o desempenho da UNE, contrapondo a sua produção teórica e às suas posições políticas, certos discursos, orientações e ações produzidas e apregoados pelos homens dos primeiros governos militares do movimento.

A historiadora Maria Paula Nascimento Araújo (2007) afirma que entre 1964 e 1968, os estudantes mantiveram uma atividade intensa, criando as chamadas “entidades livres”, diretórios e centros acadêmicos paralelos aos oficiais, uma vez que estes, pela Lei Suplicy, estavam sob o controle direto do governo e proibidos a exercer qualquer atividade ou discussão política. Apesar de extinta, a UNE continuava a representar um importante símbolo de luta e resistência.

Albuquerque (1997) faz uma análise do comportamento e das atitudes de estudantes latino-americanos associada à interpretação da significação política do movimento estudantil.

Roche (2001, p. 31) cita outra razão estrutural que tem estimulado o interesse pelos problemas da cultura política. Para ele é o reconhecimento de que com o deslocamento do eixo articulador da vida social do Estado para o mercado estimulado pelas políticas neoliberais e com a redução da inversão pública social, o modelo de integração social das sociedades haveria perdido um equilíbrio existente nos modelos clássicos de integração, entre integração social via políticas sociais e integração simbólica, hoje em dia se inclinando a favor de um modelo onde a integração estaria priorizando os recursos culturais e simbólicos em prejuízo das instâncias de integração material e social.

Para Roche a globalização cultural e comunicativa, o papel central dos meios de comunicação de massa e as indústrias culturais na produção de ideologias levianas e de estilos de vida perceptíveis nos jovens, em um contexto de retirada das formas de organização e participação associadas aos ideais de esquerda é outro dos fatores que na última década do século XX estimulou o interesse acadêmico até as questões da cultura política e em geral das interrelações entre a cultura e a política. (ROCHE, 2001, p. 31).

Com novas perspectivas teóricas e metodológicas, historiadores da cultura, antropólogos e psicólogos sociais demonstraram muito interesse naqueles anos por um conjunto de fenômenos que também tem relação com a cultura política: os imaginários e as mentalidades, as representações sociais que diferentes grupos conformam a realidade em geral, e em torno da vida política em especial; como se percebem diferentes grupos da sociedade. Alguns analistas políticos se referem, neste sentido, a necessidade de conhecer os imaginários e as mentalidades de diferentes sujeitos dos conflitos presentes na sociedade, bem para considerar os processos de negação, ou bem para desde a crítica social estimular transformações nas atitudes e valores estariam relacionadas com a maneira como as pessoas estabelecem uma posição aberta ou uma atitude fechada e intransigente frente ao conhecimento humano, frente ao problema da verdade.

Roche faz referência a Norbert Lechner como um dos cientistas sociais que contribuíram com a reflexão sobre a cultura política na América Latina. As análises realizadas por Lechner sublinham a pertinência de um olhar que mostre como a organização da vida cotidiana das pessoas se constrói dia-a-dia modelos de ordem, atitudes em torno do exercício da autoridade e da relação com o poder, formas de obediência social ou de distanciamento crítico com o poder e com o estabelecido.

Outros analistas consideraram que a problemática da cultura política se relacionava com a questão da identidade ou das identidades: nacionais, pós-nacionais, étnicas, sociais, regionais, locais, sexuais, de gênero, etárias. Ou ainda, em um momento de configuração de atitudes e contextos pós-modernos que tem feito muito mais visibilidade a diversidade sócio-cultural e cada vez menos possível assumir-la nos macro-sujeitos clássicos da emancipação, o proletariado ou o campesinato, que estão instalados como formas únicas de representação política da sociedade, em meio da crise e exposição novamente das grandes narrativas da modernidade: progresso, razão, revolução, vanguarda e desenvolvimento.

Outra dimensão das análises de cultura política que introduz a aproximação histórica e sua configuração e desenvolvimento estaria relacionada com as diferentes atmosferas geracionais que se sucedem no desenvolvimento da sensibilidade política coletiva de uma nação ou de uma comunidade as quais constituíram diferentes “climas” ou contextos, e pelo tanto deixariam heranças diversas em termos de valores e ideais grupais e formas de dar-lhe sentido à vida pessoal.

Segundo Roche em alguns trabalhos de história da educação, ou de sociologia da educação, desenvolveu-se olhares que viram o sistema educativo com um componente básico do subsistema da cultura, considerou muito importante para compreender certas pautas históricas de socialização política da população e as especificidades de acesso desta e dos valores da modernidade: o livre exame, a idéia da democracia, a autonomia individual, o reconhecimento da pluralidade.

Demais estudiosos entendem por cultura política os discursos, artifícios retóricos ou teatrais dos quais se constroem ou se legitima a autoridade política, ou os rituais e cerimônias através dos

quais se renovam os vínculos políticos em uma sociedade.

Roche considera que a noção de cultura política aborda uma pluralidade e complexa de fenômenos. Para ele o estudo de cada um deles demanda diversas aproximações, diferentes confluências interdisciplinares, assim como diferentes enfoques metodológicos, às múltiplas disciplinas que concorrem ao estudo da cultura política ou as culturas políticas: a história da cultura, a sociologia política, a semiologia, a antropologia política, a psicologia social, a ciência política, a lingüística e os estudos de comunicação de massas.

Uma das tradições mais difundidas de estudo da cultura política, segundo Roche, é a "cultura cívica" desenvolvida na investigação norte-americana dos trabalhos de Gabriel Almond, G. Bingham Powell e Lucian Pye. Esta tradição de estudo da cultura política nasceu nos marcos da teoria estrutural-funcionalista da modernização e da transição das sociedades tradicionais às sociedades modernas. A partir dessa escola a cultura política é definida como um padrão de atitudes individuais e de orientação com respeito à política para os membros de um sistema político. É o aspecto subjetivo subjacente na ação política e lhe outorga significados. Esses autores classificam a população em três tipos de cidadãos: 1) "os paroquiais" ; 2) "os súditos" ; 3) "os participantes" .

Do ponto de vista metodológico, esta tradição de investigação da cultura política procura construir um conceito operacionalizante que pode dar conta do fenômeno em diferentes sociedades, e que pode dar lugar a trabalhos de análises de cultura política comparada em diferentes cenários nacionais. O método de análise são as enquetes e as escalas de atitude, com as quais se procura medir e quantificar o desenvolvimento ou subdesenvolvimento da cultura política:

A cultura política não é uma categoria de explicação residual; compreende um conjunto de fenômenos que podem ser identificados e, até certo ponto, medidos. A opinião pública e as enquetes de atitude são os instrumentos básicos para determinar e medir tais fenômenos nos grupos grandes. As entrevistas profundas e as técnicas psicológicas proporcionam dados sobre casos individuais. As declarações públicas, discursos e escritos, os mitos e lendas podem também oferecer algumas pautas acerca de cultura política. (ALMOND; POWELL, 1972, p. 50 apud ROCHE, 2001, p. 40).

Esta vertente politológica de aproximação teórica e metodológica ao estudo da cultura política apresenta méritos importantes em quanto ao reconhecimento das pautas culturais como realidades sociais autônomas e como um simples fenômeno da economia ou da política; mostra um avanço importante no intento de construir uma definição operativa capaz de ser sustentada

em dados empíricos extraídos das realidades culturais estudadas e destaca aspectos importantes da mudança cultural e política nos processos de transição das sociedades tradicionais às modernas.

A tradição teórica da "*civic culture*" além de sua evidente natureza euro-norte-americana-cêntrica, institucionalista e universalista, deixa por fora aspectos histórico-culturais fundamentais na análise político-cultural, e desde o ponto de vista metodológico, a prioridade conferida a intenção quantificadora sobre a base da aplicação das enquetes e escalas de atitude, reduz a possibilidade de dar conta de outras faces do fenômeno através de outras ferramentas, mas vinculadas a investigação qualitativa e a intenção interpretativa.

Concluindo seu artigo, Roche considera que não existe um consenso sobre o que diferentes disciplinas, campos de estudo e diferentes grupos de investigação assumem como cultura política ou como "político-cultural" em uma sociedade. A polissemia do conceito de cultura e as opções dos pesquisadores pelos seus significados se têm traduzido em diferentes compreensões da cultura política.

Dois grandes grupos foram identificados: Um é mais politológico, o da "*civic culture*" e outras perspectivas próximas a ela, teoricamente situado nas teorias da modernização e metodologicamente centrado na quantificação da cultura política sobre a base dos inquéritos. Outro é o de um conjunto de perspectivas mais flexíveis, mais qualitativas e menos restritas na hora de tratar o componente cultural da "cultura política", que concluem cada uma delas a diferentes opções nos termos de estudos de temas, problemas e processo, a diferentes colocações disciplinares ou abordagens interdisciplinares na aproximação desses objetos de estudo, e assim mesmo, ao uso de ferramentas metodológicas também diferenciadas: aproximações históricas entre a grande e média duração, observação de campo, análise do discurso, análise de conteúdo.

Para Roche (2001) parece que nenhum dos grandes agrupamentos pode pretender deter o monopólio da noção de cultura política. Ambos têm produzido aportes importantes com vistas a dar conta do que algum autor tem chamado "o emaranhado cultural do político".

O conceito de cultura política construído desde a "*civic culture*" tem o mérito teórico-metodológico de permitir a comparação entre diferentes culturas políticas.

As outras aproximações resenhadas apresentam como conjunto o inconveniente que suas definições da cultura política são tão variadas que dificultam a construção de um idioma comum entre os pesquisadores.

A polissemia do conceito de cultura se soma uma dificuldade adicional relacionada com a pluralização e subespecialização contemporâneas dos saber sócio-científicos e humanísticos sobre a cultura, processo que dificultam ainda mais a construção de conceitos de significação nacional.

Roche procurou mostrar que os investigadores estão pensando tendo em vista coisas muito diversas quando se fala de cultura política. E que se bem não há uma proposta conceitual alternativa, pelo menos devemos ter consciência da diversidade de significações que joguem na aproximação teórica ao conceito, de tal forma que a conversação acadêmica e política em torno da “cultura política” não se converta em uma verdadeira torre de Babel.

De acordo com Aguilar (2001, p. 281) na formação da cidadania a escola possui um importante papel, na medida em que ela representa o primeiro espaço de atuação pública de crianças, adolescentes e jovens. O que ocorre na escola em matéria de convivência social, determina em grande parte o sentido das aprendizagens básicas da cidadania por parte das novas gerações, dado o poder socializador que se reconhece à educação formal, considerando a sua crise alta e a crescente perda de legitimidade da escola como lugar fundamental de acesso ao conhecimento.

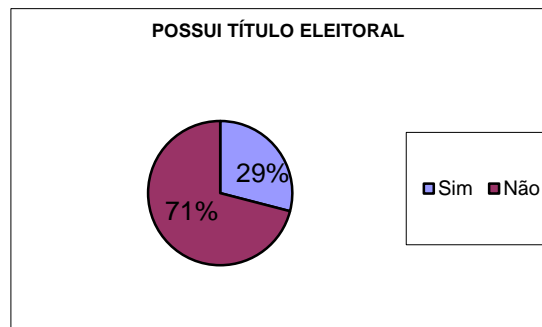
Concluindo as questões de ordem teórica que utilizamos para fundamentar esse estudo, passamos agora para a fase referente à investigação que se deu em sala de aula. Para o desenvolvimento dessa pesquisa contamos com a participação de três turmas de terceira série do Ensino Médio do Colégio Estadual do Paraná, do turno matutino, a qual denominaremos, para efeito desse estudo, **Turma 1, Turma 2 e Turma 3.**

A escolha por essas turmas para participar da pesquisa ocorreu em conjunto com o professor de História e também pelo motivo de que essas mesmas turmas estavam fazendo uso do material didático (FOLHAS), por nós elaborado, produção didática esta também prevista como uma das atividades solicitadas pelo PDE. O material didático em questão tratava sobre o conteúdo específico “Movimento Estudantil” .

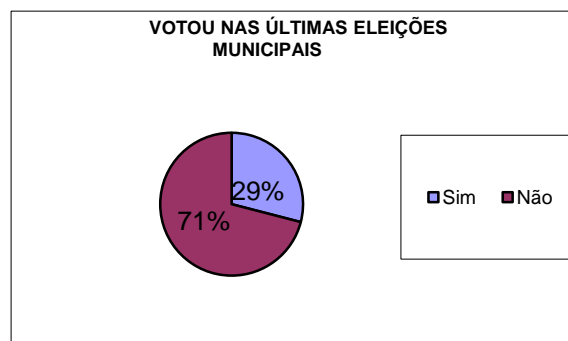
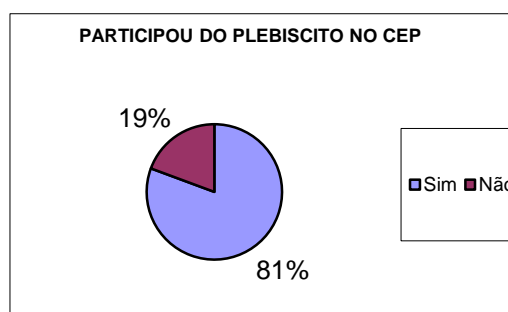
Cabe ressaltar que esse conteúdo foi abordado, de acordo com o programa curricular do estabelecimento de ensino, no contexto histórico dos anos 60. O conteúdo estruturante refere-se às “relações de poder” , enquanto o conteúdo básico trata dos “Movimentos sociais, políticos e culturais e as guerras e revoluções” .

Caracterização das turmas envolvidas na pesquisa

A Turma 1 contou no dia em que a pesquisa foi realizada com 31 alunos, 29% desses alunos afirmaram possuir título de eleitor.

Gráfico 1 - Alunos que possui Título eleitoral (Fonte: Autor)

Dos 31 alunos 29% deles afirmaram ter votado na última eleição municipal enquanto 81% dos alunos participaram do plebiscito sobre as eleições diretas no CEP.

Gráfico 2 - Aluno que votou (Fonte: Autor).**Gráfico 3** - Aluno que participou do Plebiscito (Fonte: autor).

O que nos chamou muita atenção nessa turma foi o fato de que 100% dos alunos terem declarado que não desenvolvem ou participam de nenhuma atividade política. Quanto ao nível de conhecimento sobre política 39% dos alunos indicaram que conhecem pouco sobre o tema, 55% classificaram como razoável seu conhecimento enquanto apenas 6% dos alunos indicaram

conhecer de forma suficiente a política. A questão quanto ao interesse sobre política evidencia que realmente o tema não desperta atenção dos alunos.

Gráfico 4 - Participação em atividade política (Fonte: Autor).

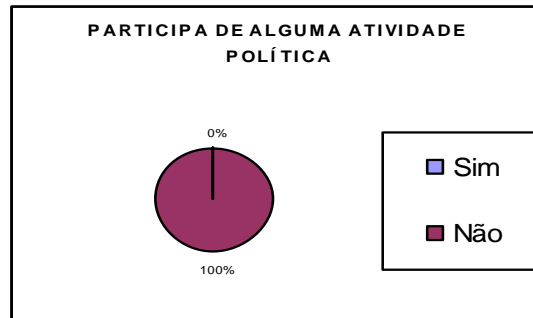


Gráfico 6 - Interesse sobre política (Fonte: Autor).

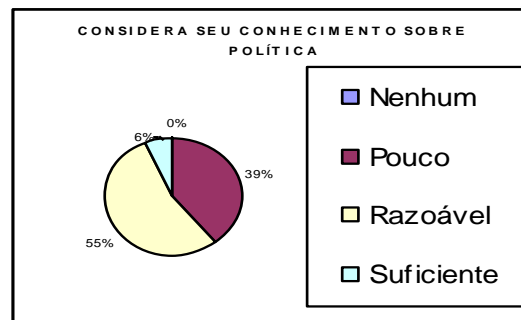
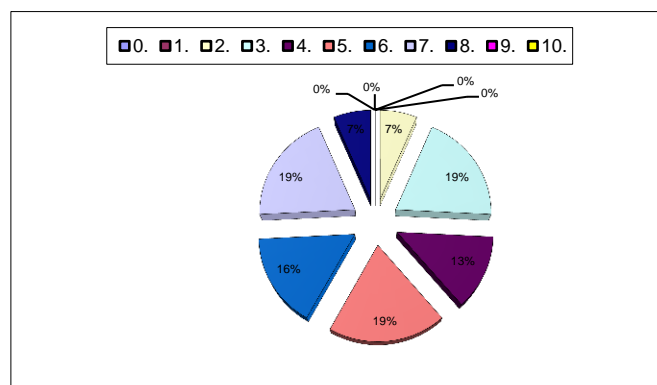


Gráfico 7: Interesse pela política (Fonte:Autor)



Na Turma 1, trinta e um alunos participaram da pesquisa, 61% deles elaboraram textos sobre suas visões sobre o tema "política". A seguir apresentamos parte dos depoimentos.

O que pensar sobre política num país onde há tanto roubo, tanta corrupção, tanta falta de respeito com nosso povo?

Como não lembrar do mensalão? Das privatizações? Até mesmo no COLÉGIO onde estudamos (CEP), não há o menor respeito com as pessoas (alunos, professores)... nós não temos voz em lugar nenhum! E como é que querem nos ensinar a sermos pessoas melhores, se não dá para dizer que essa direção, é formada por pessoas que se identificam conosco?

É certo que pouca coisa vai mudar. Talvez o que eu esteja escrevendo não sirva de NADA.

E o que EU penso sobre política? – O que me ensinaram aqui. Tudo roubo, corrupção, formação de guerras. Só. O povo, após as ELEIÇÕES sempre sai perdendo.

Demonstro aqui também o meu total apoio aos professores e alunos afastados do CEP, principalmente a "MALU", [...]. (H. V. da S. A., 17)

Através de lutas e manifestações, a sociedade pode conseguir alcançar o que deseja. Um bom exemplo disso, seria a reivindicação dos alunos do CEP, no ano de 2007. Alunos, funcionários e professores mobilizaram-se reivindicando eleições diretas para o cargo de diretora geral do colégio, que atualmente é indicada pelo governador. Esse acontecimento foi um fato de muito destaque, pois há anos alunos na grande maioria, não destacavam-se na luta por seus direitos, realizando movimentações como eles realizaram. Considero isso um fato extremamente importante e histórico que com certeza marcará o histórico do movimento estudantil e do maior colégio estadual do estado. (M. A. D., 17)

As pessoas tem preguiça, falta de vontade para mudar a sociedade em que vivemos, e para mudar precisa-se de uma maior participação na política e um maior interesse da população. O problema é que todas estão preocupadas apenas com apenas com o seu próprio eu e não querem lutar por uma vida melhor para todos. É claro que temos muitas pessoas que lutam para mudar o mundo, por isso o mundo não entrou em colapso. (F. R. dos S., 17)

Quando se elege um político (prefeito, vereador, governador, etc) é uma forma de o povo ser ouvido, e é uma forma de mostrar que nos importamos com o nosso

país e com o lugar em que vivemos, por mais que o político seja corrupto, ele deve pelo menos cumprir com metade das coisas que ele diga, e também o povo tem a obrigação de denunciar. Não votar nos mesmos as vezes pode ser bem pois mostra que o povo tem vontade de mudar. (F. R. S., 17)

A política foi criada na Grécia Antiga com a intenção de organizar uma sociedade segundo princípios da democracia. A cada época da história as formas de governo vem se modificando, e consigo novas maneiras de governar. Infelizmente a honestidade vêm diminuindo consideravelmente no governo aumentando as chances de corrupção. E a maioria da população vê o poder público como "bando de corruptos", embora não sejam todos mal intencionados, e é dessa forma que eu penso a política. Uma esperança para a sociedade também porque é o único órgão que podemos confiar, portanto, cabe a sociedade refletir que, a corrupção deve ser eliminada. (E. C. G. T., 17)

Acredito que a falta de interesse dos jovens pela política é causada pela corrupção. Como poderíamos nos interessar por uma política cheia de corruptos? Mas penso que também deveríamos mudar essa visão. Se nos interessássemos mais, talvez mudássemos essa situação. (S. L., 17)

Percebi, através dessa pesquisa, que meus amigos têm uma visão muito negativa sobre a política, diferentemente de mim. Apesar de não ser politicamente ativa, me interesso muito pela política do meu país e do mundo. Não acho que ela deve ser lembrada como um meio de ganhar dinheiro fácil e ilegal. Eu penso que as práticas políticas são necessárias para organizar uma sociedade e torna-la mais justa. Existem, claro, pessoas sem caráter que usam do instrumento da política em benefício próprio, mas o objetivo real da política é fazer valer os direitos e deveres da população. Numa sociedade democrática como a nossa, a política deveria ser tratada como uma vitória. A população, através da democracia, pode ser fazer ouvir; através do nosso modelo político, nossos anseios sobre uma sociedade igual podendo ser ouvidos. O que falta na política são pessoas políticos, que saibam quão importante é para o país que a voz da população seja ouvida. Não há ninguém mais capaz de fazer política que não há a população. A política se reflete na sociedade do país. Basta que essa sociedade perceba que quem faz a política é a própria sociedade. (E. C. da C., 17)

Sinceramente política é um tema que não me atrai, pelo fato de existir toda essa corrupção. É raro um governante que se preocupe de verdade com o povo. Sei que para querer um país melhor eu tenho que fazer algo, me interessar mais pela política, votar consciente. Eu ainda acredito que podemos mudar o pensamento das pessoas sobre política. (A. C. L. J., 17)

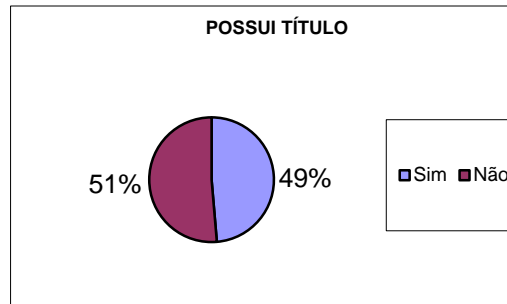
A política é uma maneira pela qual algumas pessoas chegam a um poder que organiza uma parte da sociedade, ganhando assim muito bem para fazer isso. Há muito tempo a população está perdendo a esperança na política, por causa de seus integrantes, que são acusadas de corrupção. Por isso o patriotismo do povo brasileiro está se acabando. Por outro lado a política é uma coisa muito boa, pois através dela temos melhorias em nossas cidades, e também por ela alcançamos os nossos direitos. (G. D. C. T., 17)

A política no Brasil, em sua grande maioria é desorganizada o que leva o país a decair cada vez mais. Políticos corruptos, escândalos, roubos, isso tudo acontece livremente sem devida punição – quando os escândalos são expostos à população, o que muitas vezes não acontece. No Brasil a lei é “todos têm direito ao voto” , mas há uma contradição pois a palavra “direito” significa obrigados. Assim, como podemos chamar de democracia o país que nos obriga a votar em políticos despreparados para governar o país? Hoje em dia todos fazem campanha para não votarmos em branco, mas como isso pode acabar se somos induzidos e escolher “qualquer um” ? Então é melhor votar em branco para depois não se culpar por ter colocado no poder um político ladrão – minha opinião. (A. K., 16)

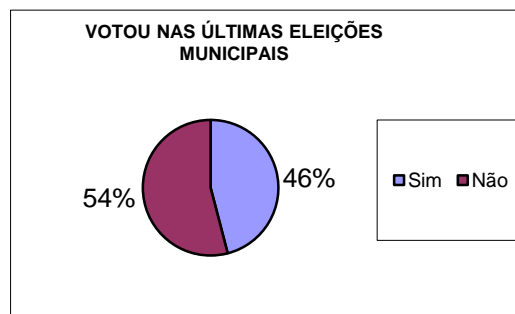
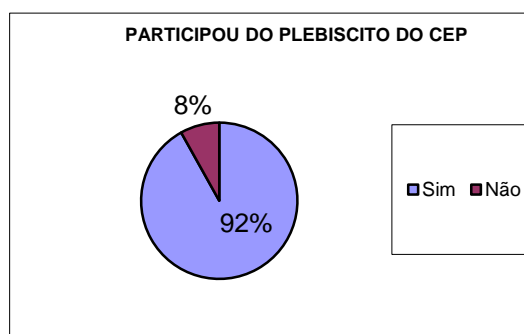
No Brasil a palavra democracia e colocada entre aspas, pois não se pode ter essa idéia, as pessoas são obrigadas a votar, muitas vezes até ameaçadas. Os políticos são corruptos e desonestos, os escândalos, como o mensalão por exemplo, só tendem a crescer; Enquanto há gente passando fome e esperando um dia ter mais dignidade, os políticos estão roubando do povo, com os super impostos cobrados. Enquanto não se fizer uma “limpa” nestes corruptos, o Brasil não irá pra frente e se afundaria cada vez mais. Exceto o Lula, que apesar de tudo o que aconteceu, conseguiu levar o país pra frente e criar mais empregos. (A. F. B., 17)

A política vem sendo usada como modo de benefício próprio, e não para ajudar nas condições sociais e morais do povo. A palavra “política” entra em nossas mentes já com o sinônimo de corrupção, pois muito pouco foi feito para convencer que essa prática nos faça bem em todos os momentos. Não podemos generalizar quando nos tratamos do temas dizendo que todos os políticos são ladrões, mas na maioria dos casos, o que vemos é o dinheiro público ser usado de maneira incorreta, e as punições para essas pessoas não são justa. Mas será que a política é justa? Espero que um dia nosso país, nosso mundo passe a ter uma política mais correta, sem denegrir a imagem das pessoas. (S. A. C., 16).

A turma 2 contou com 42 alunos no dia em que a pesquisa foi realizada, 49% desses alunos afirmaram possuir título de eleitor.

Gráfico 7 - Possui título (Fonte: Autor).

Dos 42 alunos, 46% deles declararam ter votado na última eleição municipal enquanto 92% afirmaram ter participado do plebiscito sobre as eleições diretas no CEP.

Gráfico 8 - Votou nas últimas eleições (Fonte: Autor).**Gráfico 9 - Participou do plebiscito (Fonte: Autor).**

Dos 42 alunos, 92% deles declararam que não desenvolvem ou participam de nenhuma atividade política. Quanto ao nível de conhecimento sobre política 52% alunos indicaram que conhecem pouco sobre o tema, 32% classificaram como razoável seu conhecimento, enquanto 16% dos alunos indicaram conhecer de forma suficiente o tema, dados esses comprovados na tabela que trata sobre o interesse do aluno pela política.

Gráfico 10 - Participa de atividade política (Fonte: Autor).

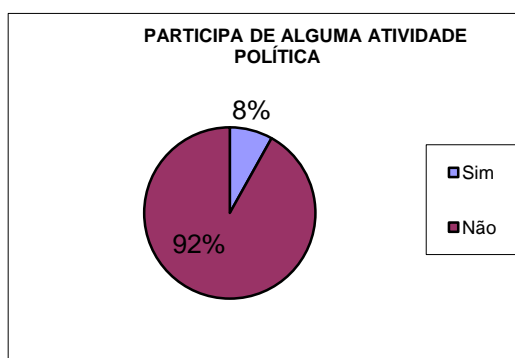


Gráfico 11 – Conhecimento sobre política (Fonte: Autor).

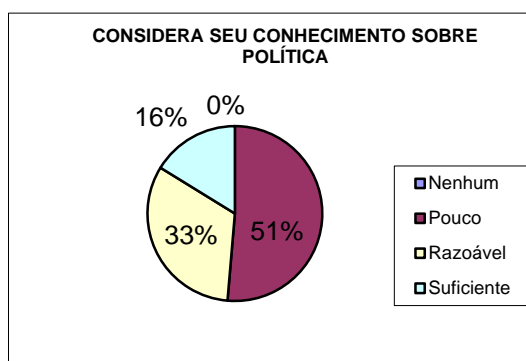
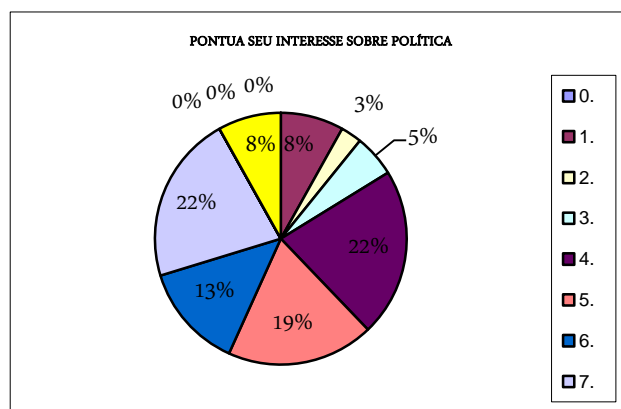


Gráfico 12 – Interesse sobre política (Fonte: Autor).

Dos 42 alunos da Turma 2 que participaram da pesquisa, 52% elaboraram textos sobre o tema “política” . A seguir apresentamos parte desses depoimentos:

Política pode parecer um tema “chato” perante muitos na sociedade, onde as pessoas já associam a palavra a corrupção, discussões e as mesmas propostas de sempre. Mas, apesar de todos estes requisitos a política faz parte da nossa vida, do nosso cotidiano, e o nosso interesse por ela pode transformar o futuro de um país. (N. C. do N., 17)

A política é uma relação de poder, a qual não temos como ignorar. Ela está relacionada até mesmo no preço do pão francês. A partir dessa relação de poder podemos decidir o futuro da nação. (R. P., 17)

Minha concepção de política é de roubo, mentira, falta ética, abuso de poder. Estamos passando no meu ponto de vista do pior momento político. (B. W. B., 20)

Na minha opinião, a política deveria ser mais voltada ao povo, já que ela “é feita para o povo” mas não é isso que acontece, a grande maioria dos políticos exercem o seu poder em benefício de si mesmo. A política de hoje em dia só fazem escândalos, e envergonham a sociedade com seus atos, a sociedade não tem mais vontade de votar eles se envergonham da política que hoje em dia só sabe roubar. (T. N. T. C., 17)

A idéia da política é legal, você ter uma sociedade organizada, ter alguém que te represente e que lute por seus ideais e necessidades é bom. O problema é que os homens estragam tudo, toda essa teoria de política na realidade não existe, são poucas as pessoas que exercem certo tipo de política e que realmente são honestas e se preocupam com seus liderados.

É como diz o ditado: "Todo homem tem seu preço", isso significa que não importa quão honesto ou quão bom seja um homem quando ele entra na política seja ela qual for sempre acaba se corrompendo. Eles usam o povo, segam o povo e ainda matam o povo. (A. d. C. N., 17)

A política deveria ser utilizada para melhorias na sociedade mas não é exatamente isso que ocorre essa maior parte do país. Não possuo mais tanta fé na política devido aos últimos acontecimentos, mas quem sabe daqui alguns anos a coisa toda mude, quem sabe uma pessoa que realmente pensa em um bem para todos e consiga adquirir este poder que a política proporciona. Teríamos sorte. (A. C. F., 17)

Política está relacionada com, principalmente irrevogavelmente com o povo. Apesar dos interesses serem principalmente do povo como saúde e educação, muitas vezes os governantes passam a não fazer o seu dever e acabam usando do dinheiro e de poder indevidamente.

Mais político não está só relacionada a corrupção, política também é um método de expor idéias e opiniões, que podem ou não benefícios o bem geral.(B. M. P., 17)

Política:

Devemos entender política não como forma de manipular ou lucrar (como vemos nos meios de comunicação e no dia-a-dia). Devemos pensar em um bem geral, o governador não deve ser extremamente bom nem terrivelmente mal, seria como o pensamento de Maquiavel em O Príncipe. Política é o poder do povo e devemos valorizar o nosso poder. (P. A. T., 17)

Política é, essencialmente, qualquer tipo de relação de poder, ou organização. Mas hoje tem sido um termo usado restritamente para ser referir aos nossos governantes, as eleições e aos partidos políticos. Hoje em dia ouve-se na mídia diversos escândalos na política do país, roubos, corrupção. A maioria da população fica escandalizada quando vê algum desses fatos, mas não faz nada para mudar isso. A grande parte dos eleitores inclusive nem sequer tem consciência na hora de votar e só o faz porque é uma obrigação de todos os cidadãos.

É hipocrisia demais reclamar da corrupção, mas não praticar a honestidade no seu dia-a-dia. A maioria das pessoas que reclama dos políticos, sonha em estar no seu lugar, pois roubaria da mesma forma. (G. H., 17)

Antigamente, para mim política era apenas algo que ocorria em Senados, ou no Palácio do Governo, ou em Brasília. Aos poucos, este conceito foi se abrangendo, e eu percebi que há política em tudo, desde uma pequena organização, assim

como na Igreja que freqüento, e até mesmo minha escola. Percebi, que é impossível para mim ser "apolítico", pois politicamente é um jogo de influências, e estou diariamente influenciando e sendo influenciado.

Acho que para sermos politizados, não basta conhecermos partidos e propostas apenas, mas sim pensar nessas influências. Em como sou levado a fazer tal coisa, e se a influência que exerço tem sido positiva para as pessoas. (R. C. N., 17)

A política sempre atuou no meio da sociedade. Embora muitos digam que não são políticos ou que não gostam da mesma, ainda assim a praticam. Pois fazer política não é somente subir em um palco e prometer coisas, é muito além disso. Ela pode ser feita até mesmo quando se fica quieto em um canto somente concordando. É através dela que sabemos dos nossos direitos e deveres e ela quem nos permite debater assuntos em busca de uma solução. A política não é só corrupção e promessas. É uma idéia a ser seguida pois assim nos tornamos cidadãos com mais capacidade. E ainda descobrimos diversas coisas que sempre nos ajudarão. (Autor não identificado, 18)

A política é a relação do povo com seus governantes, onde as opiniões de todos devem ser representada por um. Atualmente as pessoas não participam muito na política, muitos acabam "vendendo" seus votos e não pensam em como esse voto é importante para o desenvolvimento da política. Muitos políticos sejam a imagem, e isso acaba influenciando a opinião das pessoas sobre esse tema. Quando falamos em política, o que vem na cabeça é corrupção, apesar de nem todos serem assim. Deveriam eleger pessoas realmente preocupados com os propósitos de um bom lugar para viver, pessoas que saibam governar com responsabilidade, honestidade e competência. (M. S. M. L., 17)

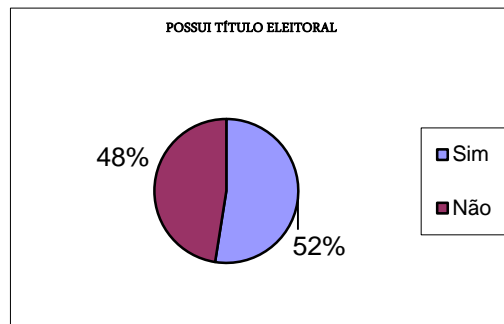
Política – é toda relação que envolve uso de poder.

Não existe compreensão da história sem compreensão da Política. Estuda-se toda a construção do Estado – aliados com interesses econômicos. (A. J., 17)

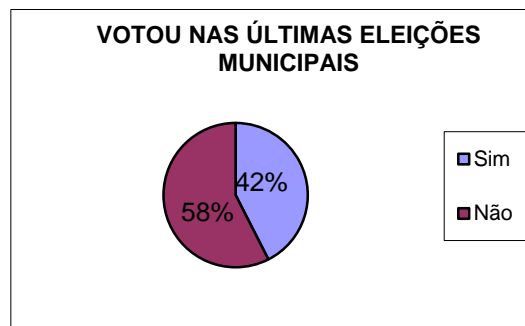
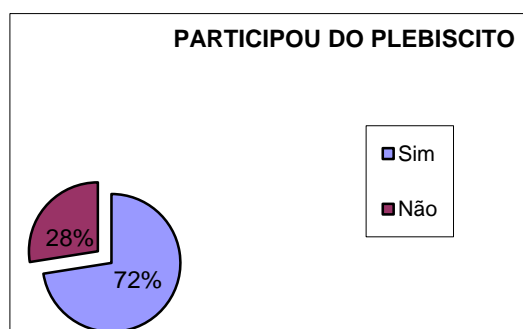
Todas as relações humanas envolvem política, disputa pelo poder, aqueles que querem dominar x dominados.

Infelizmente sempre houve em qualquer sociedade esta necessidade de se elencar alguém para supostamente representar o "interesse da maioria", o que é para o bem de todos, é só observarmos a natureza, sempre há no bando um líder que vai comandar, se não é o próprio grupo que escolhe, a própria natureza trata de hierarquizar estas relações, um exemplo! As abelhas, cuja hierarquia está estabelecida na própria natureza do animal. (A. C., 17)

A Turma 3 contou no dia em que a pesquisa foi realizada com 37 alunos. Desses, 52% afirmaram possuir título de eleitor.

Gráfico 13 – Possui título eleitoral (Fonte: Autor) .

Dos 37 alunos 43% deles votaram na última eleição municipal enquanto 72% deles participaram do plebiscito sobre as eleições diretas no CEP.

Gráfico 14 - Votou nas últimas eleições (Fonte: Autor)**Gráfico 15** - Participou do plebiscito (Fonte: Autor).

Somente 23% dos alunos informaram que desenvolvem ou participam de alguma atividade política. Quanto ao nível de conhecimento sobre política 52% dos alunos indicaram que conhecem pouco sobre o tema, 35% como razoável seu conhecimento enquanto 13% dos alunos indicaram conhecer de forma suficiente o tema. Quanto ao interesse sobre o tema é possível concluir que mais de 50% dos alunos demonstraram não se preocupar com política.

Gráfico 16 - Participa de atividade política (Fonte: Autor).

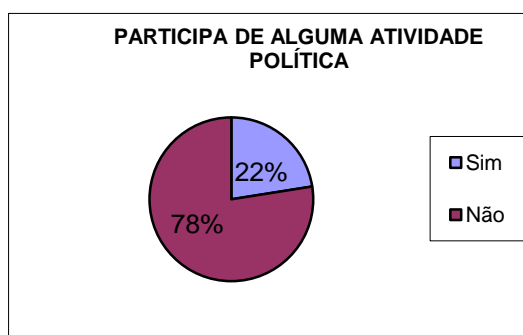


Gráfico 17 - Conhecimento sobre política (Fonte: Autor).

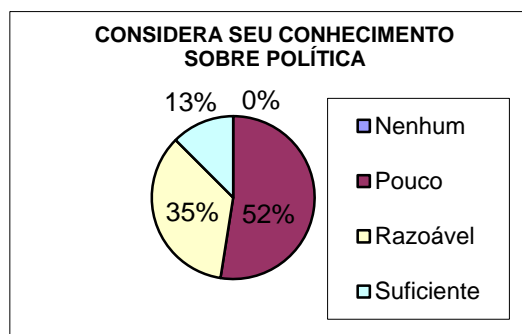
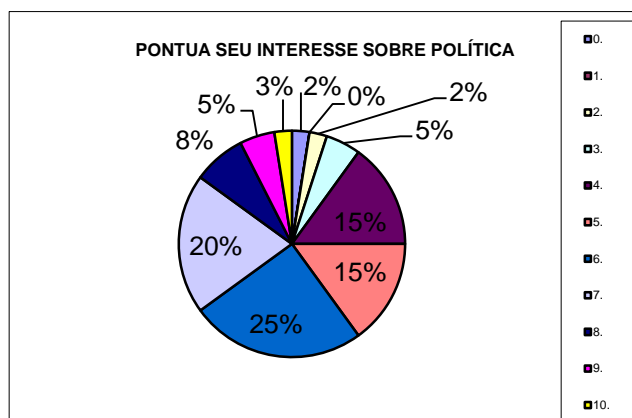


Gráfico 19 - Interesse sobre política. (Fonte: Autor)

Dos 37 alunos da Turma 3 que participaram no dia em que a pesquisa foi realizada, 51% deles elaboraram textos sobre o tema "política". A seguir apresentamos alguns desses depoimentos:

A política é importante na nossa vida (infelizmente) tudo gira em torno dela. Vejo que a maioria dos políticos são corruptos conheço alguns até.

Pelas coisas que sei e presenciei tudo gira em torno do dinheiro. Conheço muito poucos que se preocupam realmente com o povo. (T. G. N., 20)

Penso que a política seja algo muito vasto, não apenas uma ciência, mas uma cultura, uma cultura social, uma cultura de idéias, propostas, trabalho em conjunto e principalmente a chave para resolução de todo e qualquer problema. (J., 19)

Talvez por falta de incentivo do governo em colocar nas grades da aula matérias como sociologia ou filosofia, o interesse pela política diminui com a mesma velocidade do aumento do conformismo com as atuais situações brasileiras.

Mas se falta o incentivo, devemos correr atrás desse saber, poder ver a dimensão da política na nossa sociedade, ver que, se as coisas não são "bem das pessoas", é só com nossa vontade que mudará. Hoje em dia sobram idéias, mas faltam atitudes por nossa parte. (R. H. W. A. B. J., 17)

Até gostaria de saber mais mas existe ainda uma insegurança em quem acreditar, se no professor de história que fala indiretamente em política, ou nos amigos que dizem que discutir política não leva a nada, então com uma cabeça em formação, eu acredito que quanto menos pessoas saibam sobre política mais fácil é controlar a população. Isso é fato, mas gostaria que fosse dada mais atenção ao estudante do ensino médio em relação à política para na próxima pesquisa eu poder redigir minhas participações políticas. (S. K. F. V., 18)

Entendo que a política é algo de extrema importância para uma sociedade mais organizada e justa, na verdade deveria ser justa, mais o que vemos muitas vezes não é isso.

Não participo da política na minha cidade, mais não deixo de me importar e entender o quanto ela faz parte e é necessária em nossa vida. (F. L. C., 17)

A política no Brasil só existe na forma de "corrupção" , pois os políticos não pensam no povo, eles visam chegar ao "poder" apenas para seu próprio "bem-estar" .

Não deveria ser obrigatório o voto, pois assim veríamos quem realmente está interessado em política, em eleger os políticos para representarem o povo, o Brasil, para que assim exercessem realmente sua cidadania. (Autor(a) não identificado(a), 18)

A falta ou pouco interesse em política pode ser causada pelo não incentivo nas escolas ou a própria acomodação da população com a situação atual do país.

O interesse em política depende também do ambiente e das pessoas que se convive.(C. G. H., 17)

Para mim, política é aquela questão de que "o mundo é dos mais espertos" , quer dizer, o candidato faz o possível e o impossível para ser eleito, pra chegar ao poder e fazer apenas o que for melhor para ele.

Claro que nem todos os políticos são corruptos, mas quando eles (honestos) chegam ao poder de exercer o seu cargo eles são vítimas de uma máfia existente na nossa política que as vezes o impede de fazer algo que seja bom para o povo. [...] (S. P. P., 18)

Existem vários temas para explicar a política, dentre eles estão os principais, que são, democracia e as propostas de um candidato. A democracia visa a igualdade total para o povo, sendo que todos tenham os mesmos direitos. Já as propostas do candidato são fundamentais para que este seja eleito pelo povo, mas este povo que dá o "suor do trabalho" todos os dias esperava que este "tal candidato" vá suprir suas necessidades, e cumprir suas expectativas. (D. Z. D. L., 17)

A política em nosso país, deve ser revisada, há muitas leis beneficiando políticos corruptos. As pessoas devem ter mais consciência pra votar nos seus representantes, pois são eles que vão desenvolver um trabalho bom ou ruim para sociedade onde vivemos.

Bons políticos, e eleitores que fazem uma sociedade mais igualitária e melhor para todos. (A. R. S. C., 17)

A política para mim é a relação da sociedade, onde um poder maior estabelece "ordem" para que os homens possam viver em uma organização.

No Brasil a política é feita a base de corrupção gerando desigualdade, e falta de interesse das pessoas por assuntos envolvendo política criando um povo cego e ignorante que não se importa e tem orgulho de dizer que odeia a política levando a sociedade à uma alienação. (V. M^a C., 17)

A política sempre esteve presente na humanidade. Política significa nada mais do que relações humanas. (I.D.C.T., 17)

O meu conhecimento não é muito a respeito desse assunto, já que raramente é comentado nas escolas. Há pouca divulgação para os estudantes pois aí torna-se um meio de manipulação de poder onde os mesmos burgueses continuam a liderar.

Há muitos eleitores que votam mais por obrigação do que por opinião; acabam escolhendo qualquer um e pronto, e há outros que votam branco e não importa quem vai liderar a cidade ou país em que vive.

É preciso conscientizar a população para "correr atrás" dos políticos e ver se estão realizando as promessas e, divulgar mais o assunto com estudantes realizando debates a respeito. (T. dos S. B., 16)

[...] A mídia molda a cabeça das pessoas de acordo com sua vontade e não as deixa pensar. Assim, as pessoas não têm consciência de que elas podem mudar tudo e acabam não se envolvendo e deixando tudo cada vez pior. (F. B. M. de M., 17)

Análise geral dos resultados obtidos

Após análise dos instrumentos de investigação utilizados na pesquisa pudemos concluir que os alunos apresentaram diferentes níveis do que chamamos aqui, com base em Roche (2001), de “cultura política”. Mesmo não tendo a obrigatoriedade de votar nas eleições, verificamos que, aproximadamente, trinta e nove por cento desses jovens participaram das últimas eleições municipais de outubro de 2008.

Dos cento e oito alunos entrevistados, mais de oitenta por cento dos alunos afirmaram ter participado do plebiscito realizado no Colégio Estadual do Paraná. Cabe ressaltar que mais de oitenta e oito por cento dos alunos matriculados votaram SIM, ou seja, foram favoráveis às eleições diretas para eleger o diretor do colégio. O plebiscito não teve caráter obrigatório para a comunidade escolar.

Ao desenvolver esse estudo compartilhamos com Aguilar (2001, p. 281) quanto ao importante papel que a escola possui, na medida em que ela representa o primeiro espaço de atuação pública de crianças, adolescentes e jovens. Embora os alunos de uma forma geral tenham indicado que não participam ou desenvolvam qualquer tipo de atividade política, tenham demonstrado pouco conhecimento sobre o tema e, ainda, ter apresentado pouco interesse pela questão política, percebemos nos depoimentos que a prática social do aluno demonstra o contrário, ou seja, eles possuem sim uma determinada “cultura política”, embora em níveis, formas e compreensões diferenciados.

A análise dos termos apresentados pelos alunos na estratégia denominada “tempestade de ideias” demonstrou que os estudantes têm uma perspectiva otimista e positiva sobre o tema “política”. Ao total foram apresentados centenas de termos que apresentaram essa característica, por outro lado, duzentos e setenta e três termos indicaram conotação pessimista ou negativa quanto à “política”. Os textos elaborados pelos alunos apresentaram conteúdo que evidenciam domínio de conhecimentos ligados campo da política bem como um considerável nível de politização desses alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual do Paraná.

Considerações finais

Os jovens estudantes do Colégio Estadual do Paraná, alunos de três terceiras séries do Ensino Médio que participaram da pesquisa, alunos que estudaram nessa instituição entre os anos de 2006 a 2008, demonstraram possuir diferentes níveis e compreensões sobre a “cultura política”. A partir da análise dos instrumentos de investigação pudemos observar nas respostas objetivas e mesmo em parte dos depoimentos escritos pelos alunos a existência de certo pessimismo diante da política do país. Por outro lado, verificamos o emprego de grande número de termos que revelam otimismo, termos positivos que indicam a existência de uma esperança dos alunos em relação à política em seus diferentes níveis. Ao analisar a prática social e política desses alunos do Ensino Médio percebemos que sua atuação ocorre em espaços considerados mais pessoais e significativos para ele como a escola, a família, a igreja.

Consideramos extremamente importante que o professor de História apresente aos alunos a participação da juventude em outros momentos históricos, servindo assim como uma significativa referência para os jovens alunos do Ensino Médio dos dias atuais. Ao abordar temas como a cultura política dos jovens nos anos 60, o aluno da escola atual pode perceber semelhanças e diferenças, permanências e rupturas entre o passado e o presente em relação à participação da juventude nas diferentes sociedades ao longo do tempo.

Muito dos ideais existentes na origem do movimento estudantil talvez tenham se perdido ao longo do tempo e a maioria dos estudantes parece hoje indiferente às questões políticas e sociais. Contudo, se lançarmos um olhar mais atento perceberemos que a juventude ainda é capaz de se sobrepôr às dificuldades e, portanto, continuam lutando, de outras formas em relação à juventude dos anos 60 e 70, mas, ainda assim, demonstrando que a história do movimento estudantil resiste à criação de uma sociedade individualista.

Ao concluir essa pesquisa constatamos que os jovens estudantes são capazes de promover importantes embates e discussões na sociedade, permitindo, assim, que eles mesmos amadureçam suas ideias e convicções e as compartilhe, possibilitando assim o aprimoramento de sua cultura política extremamente importante nos nossos dias para construção de uma sociedade brasileira mais justa, solidária e democrática.

Referências

AGUILAR, Juan Francisco. Construcción de cultura democrática em la escuela. In: HERRERA, Martha Cecilia; DIAZ, Carlos Jilmar. *Educación y cultura política: una mirada multidisciplinaria*. Bogotá: Plaza & Janés, 2001.

ALBUQUERQUE, Guilhon. *Movimento social e consciência social na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *Memórias estudantis, 1937-2007*. da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

BREMBATTI, Kátia; SILVEIRA, Fabio. Jovem da capital vota menos do que o do interior. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 set. 2008. p. 13.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *As revoluções utópicas dos anos 60*. a revolução estudantil e a revolução política na Igreja. São Paulo: Ed. 34, 2006.

ROCHE, Fabio López de la. Aproximaciones al concepto de cultura política. In: HERRERA, Martha Cecilia; DIAZ, Carlos Jilmar. *Educación y cultura política*: uma mirada multidisciplinaria. Bogotá: Plaza & Janés, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

SANFELICE, José Luís. *Movimento estudantil*: a UNE na resistência ao golpe de 64. São Paulo: Cortez, 1986.

SAVIO, Mariane. Nada rebeldes e ainda sem causas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 set. 2008. p. 15